



- A- Denominações religiosas judaicas modernas
- B- Judaísmo conservador (ou conservativo) ou Massorti,
- C- Movimento Conservador Latino-Americano
- D- Comunidade Shalom

Rabino Adrián Gottfried

A-Denominações religiosas judaicas modernas

Através da história judaica, não tem havido somente um enfoque unilateral, monolítico da vida judaica. Tem havido os conservadores e liberais, os que interpretam estritamente a lei e os intérpretes menos rígidos da lei, os supernaturalistas e os tradicionais, os legalistas e os espirituais. Para quase todas as posições do espectro da vida judaica tem havido proponentes e oponentes. Algumas vezes os desentendimentos têm sido amigáveis, mas bem freqüentemente têm sido hostis e violentos. Nos tempos modernos não é diferente. Há muitos enfoques e interpretações do judaísmo, conhecidos como divisões, ou denominações, ou movimentos, cada um com seus seguidores e defensores apaixonados.

JUDAÍSMO ORTODOXO

O judaísmo ortodoxo é a designação contemporânea do que tem sido a corrente principal do judaísmo através dos séculos. Baseia-se na crença fundamental da revelação direta da lei divina – relatada na Torá – que é eterna, imutável, e guia único para a vida diária e comportamento. Compilações posteriores da lei judaica são consideradas versões reorganizadas da lei da Torá original. Os judeus ortodoxos observam de maneira estrita e cuidadosa os mandamentos como vontade direta de Deus.

Desde meados do séc. XIX, tem havido diversas facções do judaísmo ortodoxo moderno. Em sua maioria, a corrente principal da ortodoxia tem adotado uma atitude positiva com relação à cultura prevalecente e tem encorajado seus seguidores a obterem a educação e as habilidades necessárias para a participação na vida diária. Os elementos mais tradicionais – algumas vezes caracterizados como “ultra-ortodoxos” – mantêm que somente a separação completa da sociedade secular pode assegurar a sobrevivência judaica.

Os mais conhecidos desses ortodoxos são os chassídicos, que podem ser reconhecidos por seu modo distinto de trajar – longos casacos pretos, chapéus pretos, barbas, paiot. Fundado pelo Rabbi Israel ben Eliezer – que ficou conhecido como Baal Shem Tov – o Chassidismo cresceu no leste Europeu no início do séc. XVIII como uma maneira de aproximar-se de Deus, tanto com meditação contemplativa como com alegria. Muitas cidades se tornaram centros da vida chassídica com o *rebe*, o rabino da cidade sendo o líder da seita chassídica.

Desde a destruição da comunidade judaica do leste europeu no Holocausto, Israel e os Estados Unidos se tornaram os centros da vida chassídica. O mais conhecido dos chassidim contemporâneos na América – especialmente por seus programas em escolas – são os Chassidim Lubavitch, também conhecidos como Chabad.

JUDAÍSMO REFORMISTA

O Judaísmo Reformista nasceu na primeira metade do séc. XIX, na Alemanha, como resposta à emancipação e ao esclarecimento no oeste europeu e foi trazido aos Estados Unidos por imigrantes alemães no final do século. À luz de estudos científicos, o judaísmo reformista rejeitou o conceito de revelação divina e, ao invés

disto, atribuía a autoria da Torá a seres humanos com inspiração divina. Portanto, para o judaísmo reformista a lei é considerada instrucional e de inspiração – com exceção das leis éticas, que os primeiros reformistas ainda consideravam como uma expressão da vontade de Deus.

No início, a Reforma modernizou o serviço religioso, eliminando muito do hebraico em favor do vernáculo e eliminando muitas práticas rituais – tudo tendo em vista a remoção de muitas distinções e diferenças entre judeus e seus vizinhos não judeus.

Em nossos tempos, o judaísmo reformista re-introduziu diversos costumes e práticas rituais, aumentou o uso do hebraico nas cerimônias e afirmou ativamente seu comprometimento com justiça social e igualitarismo.

JUDAÍSMO CONSERVADOR

O judaísmo conservador foi fundado como uma resposta ao judaísmo reformista, na segunda metade do séc. XIX, na Europa, e transplantado para os Estados Unidos no final do séc. XIX e começo do séc XX. Os fundadores do movimento aceitavam a noção da reforma que mudanças na prática e na crença judaicas são necessárias em um mundo em constante mutação, mas sentiam que o judaísmo reformista tinha eliminado práticas básicas judaicas demais. Então desejavam conservar, reter, alguma teologia e rituais que a reforma havia eliminado.

O moto do movimento conservador se tornou “tradição e mudança”, indicando o princípio que os judeus ainda estão ligados na observância de leis rituais, mas que a interpretação e a aplicação das leis estão em constante evolução – baseados em um estudo cuidadoso de sua origem e desenvolvimento histórico, e de sua função em circunstâncias e situações modernas.

JUDAÍSMO RECONSTRUCIONISTA

O judaísmo reconstrucionista foi primeiramente articulado pelo Rabbi Mordecai Kaplan, no início dos anos 20, nos Estados Unidos. Sua estrutura organizacional foi formalizada nos anos 50-60. A filosofia reconstrucionista rejeita a idéia de um Deus sobrenatural – ao invés disto entendendo Deus como um Poder ou Processo que é a soma de todas as forças que dão significado e valor à vida. O reconstrucionismo (que leva este nome do desejo de *reconstruir* o judaísmo e a vida judaica) afirma que o judaísmo não é simplesmente uma religião, mas “uma civilização religiosa em evolução”, um povo, uma cultura, tanto quanto uma comunidade de fé.

Cada movimento está longe de ser monolítico internamente. Cada denominação tem seu centro, sua direita conservadora, sua esquerda liberal – e tudo no meio. Assim cada movimento tem seus próprios desentendimentos internos e debate sempre dinâmico, e precisa aceitar e incorporar as diferentes visões de seus partidários.

Hoje em dia, na ala mais à esquerda do judaísmo liberal estão os judeus humanistas, que rejeitam qualquer noção de Deus e estão unidos ao judaísmo através do povo, história, consciência coletiva e celebrações comunitárias.

Mais recentemente, tem havido um movimento em direção à renovação judaica, caracterizada por judeus que busca uma conexão espiritual profunda com Deus, com seu próprio eu e com uma comunidade de amigos, através da participação plena, serviços religiosos igualitários – freqüentemente combinados com práticas antigas de meditação – estudo, intenção e celebrações alegres. O “avô” da renovação judaica é o Rabino Zalman Schachter-Shalomi, e foi descrito com muita propriedade pelo escritor William Novak como um “novo impulso judaico alimentado pelas melhores qualidades de cada um dos movimentos judaicos: a autenticidade da ortodoxia, o liberalismo da reforma, o estudo do judaísmo conservador, a consciência social do reconstrucionismo e a emoção do chassidismo.

Há uma grande distância teológica entre judeus da extrema esquerda ortodoxa e da extrema direita liberal.

Pode parecer que, com tantas visões divergentes, muitos judeus contemporâneos têm muito pouco em comum. Ainda assim o “lar” judaico tem portas largas e telhados ainda mais altos. Há lugar para todos.

Ainda que seja verdade que muitos judeus (mais notavelmente os ortodoxo de direita) rejeitam a noção e pluralismo e insistam em que sua interpretação do judaísmo é a única válida, a maioria dos judeus compreende que o judaísmo é um tecido multifacetado, feito de muitos lindos fios que refletem a realidade do judaísmo através dos tempos.

A maioria dos judeus encontra um lugar no espectro judaico que seja confortável para eles e aceitam de boa vontade os lugares que os outros encontram para eles mesmos, sabendo que as palavras dos antigos sábios são verdadeiras hoje: *“Estas e estas são ambas as palavras do Deus vivo”* (BT Erubin 13B)

Porque, para encerrar, como ensina o pensador judeu contemporâneo, Denis Prager, os “rótulos” judaicos significam muito pouco. Não tem importância se um judeu se autodenomina ortodoxo, conservador, reconstrucionista ou reformista, religioso ou secular, um “bom judeu” ou um “mau judeu”.

Há somente uma designação que realmente conta: um judeu sério.

Os judeus sérios lutam continuamente para definir seu relacionamento com Deus, para aceitar a Torá e cumprir suas mitzvot, para abraçar a determinação ética do judaísmo, para regular a existência aos rituais e observâncias da herança de vida judaica, para apoiar causas judaicas, para ser um membro devotado da comunidade judaica, para manter um laço e um senso de interdependência mútua com a Terra Judaica, para sentir a ligação com a história judaica, e para estar comprometido com a sobrevivência do futuro judaico.

Por esta definição, há judeus sérios em todos os movimentos, em todas as denominações do judaísmo de nossos tempos – assim como há membros nominais de cada movimento que não são judeus sérios.

Assim, seja qual for o “rótulo”, qualquer que seja a variedade de interpretação ou enfoque, quaisquer que sejam os desentendimentos internos, a unidade do povo judeu – ligado pela história e pelo destino – é suprema.

Se, no meio das brigas internas, os judeus algumas vezes parecem esquecer desta unidade, outros – para o bem e para o mau – são sempre rápidos em lembrar.

Por exemplo, ao enviar judeus para as câmaras de gás, Hitler não perguntou: “Você acredita em Deus? Você é religioso? Você frequenta uma sinagoga? Você come kasher?” Hitler fazia somente uma pergunta: “Você é judeu?”.

A United Jewish Appeal – uma organização internacional que levanta fundos para cobrir necessidades judaicas em comunidades locais, em Israel e em todo o mundo – tem como slogan a frase simples mas poderosa : “Somos Um”

Esta sempre foi tanto a esperança judaica como a promessa judaica.

Esta unidade coletiva de todos os judeus – tanto na realidade como no desejo – é chamada *klal israel*, a unidade do povo judeu.

B- Judaísmo conservador (ou conservativo) ou Massorti,

Surgido ao final do século XIX o Movimento Conservador ficou conhecido como a denominação “do meio” no Judaísmo americano do século XX. Ou seja, um meio termo entre a “esquerda” religiosa representada pelo Movimento Reformista e a “direita” representada pela Ortodoxia.

O judaísmo conservador (ou conservativo), também conhecido como judaísmo Massorti, é uma denominação moderna do judaísmo que surgiu nos Estados Unidos, no início do séc. XX. O judaísmo conservador se caracteriza por:

- * Um comprometimento com as leis e costumes judaicos tradicionais
- * Um ensinamento deliberadamente não fundamentalista dos princípios judaicos de fé.

* Uma atitude positiva frente à cultura moderna.

*Uma integração dos métodos rabínicos tradicionais de estudo e com o método científico modernos.

O judaísmo conservador tem suas raízes na escola de pensamento conhecida como judaísmo histórico positivo, desenvolvido na Alemanha nos idos de 1850, como reação às posições religiosas mais liberais assumidas pelo judaísmo reformista. O termo conservador foi escolhido para indicar que os judeus devem conservar a tradição judaica, ao invés de reformá-la ou abandoná-la. O termo não implica em que os participantes do movimento sejam politicamente conservadores. Dado este potencial para confusão, um número de rabinos conservadores propôs renomear o movimento (dentro) e fora dos Estados Unidos, ele é conhecido como judaísmo Massorti (termo hebraico para "Tradicional").

CONTEÚDO

- * 1 História
- * 2 Crenças
 - o 2.1 Deus
 - o 2.2 Revelação
 - o 2.3 Lei judaica
 - o 2.4 Visão de outras denominações judaicas
- * 3 Organização do movimento
- * 4 Identidade judaica

1 História

Como o judaísmo reformista, o movimento conservador se desenvolveu na Europa e nos Estados Unidos, no séc. XIX, quando os judeus reagiram às mudanças advindas do Iluminismo e da emancipação judaica. Na Europa o movimento era conhecido por judaísmo histórico positivo, e ainda é conhecido como "escola histórica."

O judaísmo histórico positivo, o precursor do judaísmo conservador, desenvolveu-se como uma escola de pensamento entre 1840 e 1850, na Alemanha. Seu principal fundador foi o Rabino Zecharias Frankel, que rompeu com o judaísmo reformista alemão em 1845, pela rejeição do movimento reformista à primazia da língua hebraica nas orações judaicas. Em 1854, Frankel se tornou o chefe do Seminário Teológico Judaico de Breslau, Alemanha. No seminário, Frankel ensinava que a lei judaica não era estática, ao contrário, sempre se desenvolvera em resposta à mudança de condições. Ele chamou seu enfoque de "Judaísmo Histórico Positivo", que significa que a pessoa deveria ter uma atitude positiva na aceitação da lei e tradição judaicas como normativas, ainda que devesse estar aberto ao desenvolvimento da lei do mesmo modo como ela sempre se desenvolveu historicamente. Frankel rejeitava as inovações do judaísmo reformista como sem base suficiente na história judaica e na prática comunitária. Entretanto, o uso por Frankel de métodos modernos de estudo histórico na análise de textos judaicos e desenvolvimento da lei judaica, colocaram-no à parte do judaísmo neo-ortodoxo, que estava se desenvolvendo na mesma época sob a liderança do Rabino Samson Raphael Hirsch.

Na segunda metade do séc. XIX, os debates ocorridos no judaísmo europeu replicaram nos Estados Unidos. O judaísmo conservador começou, de maneira semelhante, como uma reação à rejeição do judaísmo reformista à lei e à prática judaicas tradicionais. As diferenças entre as vertentes mais modernas e tradicionais do judaísmo americano vieram à tona em 1883, no "Trefa Banquet" – onde crustáceos e outros pratos não casher foram servidos na celebração da formatura da primeira classe do Hebrew Union College, em Cincinnati. A adoção da Plataforma ideológica radical de Pittsburgh, em 1885, que rejeitava a observância dos mandamentos rituais e das idéias de povo judeu e a nacionalidade judaica como "anacronismo", criou um permanente atrito entre o movimento reformista e os judeus americanos mais tradicionais.

Em 1886, os rabinos Sabato Morais e H. Pereira Mendes fundaram o Seminário Teológico Judaico (JTS), na cidade de Nova York, como uma alternativa mais tradicional ao Seminário Reformista Hebrew Union College. A breve afiliação do seminário com as congregações tradicionais que estabeleceram a União das Congregações Ortodoxas da América, em 1898, deveu-se fortemente à rejeição ortodoxa do enfoque acadêmico, ou seja a possibilidade de estudar com os mesmos critérios da Universidade de Judaísmo do seminário com relação ao estudo judaico. Na virada do século, o seminário fechou uma fonte de fundo permanente e passou a ordenar uma média de não mais que um rabino por ano.

A sorte do judaísmo conservador passou por uma alteração dramática quando, em 1902, o famoso estudioso Solomon Schechter aceitou o convite para se tornar presidente do JTS, atraindo um corpo docente importante e se tornando um centro renomado, de alta reputação de estudo judaico. Em 1913, o movimento conservador fundou seu braço congregacional. A United Synagogue da América.

O judaísmo conservador passou por um rápido crescimento na primeira metade do séc. XX, tornando-se a maior denominação judaica americana. Sua combinação de inovação moderna (como assentos mistos – homens e mulheres sentando junto e prática tradicional) foi particularmente atrativa para a primeira e segunda gerações dos imigrantes judeus do leste europeu, que achavam a ortodoxia restritiva, mas o judaísmo reformista estranho. Depois da Segunda Guerra Mundial, o judaísmo conservador continuou a prosperar. Os anos 50 e início dos 60 apresentaram um boom na construção de sinagogas quando os judeus americanos se mudaram para os subúrbios.

A coalizão conservadora se rompeu em 1963, quando defensores da filosofia reconstrucionista do Rabino Mordechai Kaplan se retiraram do movimento para formar um judaísmo reconstrucionista distinto. Kaplan tinha sido um líder do JTS durante 54 anos, e pressionou reformas e inovações litúrgicas na prática ritual dentro da estrutura do judaísmo conservador. Frustrados com a predominância das vozes mais tradicionalistas no JTS, os companheiros de Kaplan decidiram que as idéias do reconstrucionismo seriam melhor aproveitadas através da criação de uma denominação separada. Em 1968, a ruptura se formalizou com o estabelecimento do Reconstructionist Rabbinical College.

Nos anos 70 e início dos anos 80 o judaísmo conservador estava dividido quanto a assuntos referentes à igualdade de gênero. Em 1973, o Comitê de Lei e Conduta Judaicas votou, sem adotar uma teshuva (resposta rabinica), permitindo que mulheres contassem em um minian, mas deixando a decisão de ser ou não igualitárias para cada congregação individualmente. Após toda uma década de debates, em 1983 o JTS votou por admitir a ordenação de mulheres como rabinas conservadoras. Certos oponentes desta decisão deixaram o movimento conservador para formar a União pelo Judaísmo Tradicional, grupo que hoje não tem expressão.

Nos anos 90, a University of Judaism em Los Angeles estabeleceu a Ziegler School of Rabinic Studies como uma escola rabinica independente. Na época da Pesquisa sobre a População Judaica Nacional de 1990, o judaísmo conservador permanecia sendo a maior denominação na América, com 45% de famílias judaicas afiliadas a uma sinagoga conservadora (comparados aos 35% de reformistas e 16% de ortodoxo). Dez anos mais tarde, o NJPS demonstrou que o movimento conservador tinha sofrido sério desgaste, com somente 33% dos judeus americanos filiados a uma sinagoga pertencendo a uma sinagoga conservadora. Pela primeira vez em cerca de um século, o judaísmo conservador não era mais a maior denominação na América. Ao mesmo tempo, entretanto, certas instituições conservadoras, em particular escolas, demonstraram crescimento significativo. Líderes conservadores concordam que estas tendências indicam que o movimento havia alcançado uma encruzilhada na chegada do séc. XXI.

2 Crenças

Durante a maior parte da história do movimento, o judaísmo conservador evitou publicar explicações sistemáticas sobre os princípios judaicos de fé. Isto era uma tentativa consciente de manter uma ampla coligação. Esta preocupação foi posta de lado em grande parte depois que a ala à esquerda do movimento se separou em 1968 para formar o movimento de reconstrucionista, e depois que a ala à direita se separou em 1985 para formar a União pelo Judaísmo Tradicional.

Em 1988, o conselho de liderança do judaísmo conservador finalmente emitiu uma declaração oficial de fé, Emet Ve-Emuna: Declaração dos Princípios do Judaísmo Conservador. De acordo com o judaísmo rabinico clássico, os judeus devem manter certos credos. Entretanto, a tradição judaica nunca desenvolveu nenhum catequismo obrigatório. Assim, é difícil, se não impossível, destacar somente credo formal da pessoa e mantê-lo como obrigatório. Ao contrário, Emet Ve-Emunah permite uma gama de credos judaicos que os rabinos conservadores acreditam serem autenticamente judeus e justificáveis, destacando o pluralismo e adversidade judaica

Assim Emet Ve-Emuna afirma a crença em Deus e na inspiração divina da Torá; entretanto também afirma a legitimidade de múltiplas interpretações sobre esses assuntos. Ateísmo, visões trinitárias de Deus e politeísmos estão todos descartados. O judaísmo conservador rejeita explicitamente o relativismo, mas rejeita também o literalismo e o fundamentalismo.

2.1 Deus

O judaísmo conservador afirma o monoteísmo. Seus membros têm várias crenças sobre a natureza de Deus, e nenhum entendimento sobre Deus é mandatário. Entre as crenças afirmadas estão: racionalismo mainonideano; misticismo cabalista; *panteísmo* chassidico (neo-chassidismo, renovação judaica); teísmo limitado (como em “Quando coisas ruins acontecem a pessoas boas”, de Harold Kushner); pensamento orgânico no estilo de Whitehead and Hartshorne, processo teológico a.k.a (tal como rabinos Max Kadushin e William E. Kaufman).

O naturalismo religioso de Mordechai Kaplan (judaísmo reconstrucionista) costumava ter um lugar influente no movimento, mas uma vez que o reconstrucionismo desenvolveu um movimento independente, esta influência se enfraqueceu. Folhetos de uma recente conferência da Rabbinical Assembly sobre teologia foram editados como suplemento especial do jornal Conservative Judaism (inverno de 1999); os editores observam que o naturalismo de Kaplan parece ter caído na tela do radar do movimento

2.2 Revelação

Em concordância com o judaísmo tradicional, o judaísmo conservador mantém que Deus inspirou os profetas para escreverem a Torá (os cinco livros de Moisés) e a Bíblia hebraica. Entretanto, por razões teológicas, a maioria dos judeus conservadores rejeita a idéia judaica tradicional que Deus ditou as palavras da Torá a Moisés no Monte Sinai, em uma revelação verbal. A revelação divina, entretanto, enquanto mantida como real, é aceita geralmente como não verbal – quer dizer, a revelação não incluía as palavras em particular dos textos divinos. O-judaísmo conservador admite uma vasta gama de visões quanto ao assunto da revelação.

Os judeus conservadores sentem-se à vontade com as decisões do estudo científico da Bíblia, incluindo a hipótese documentária, a idéia de que o texto atual da Torá foi composto de diversas fontes anteriores produzidas em diferentes momentos da história do povo de Israel. Eles vão além e as autoridades rabinicas do movimento e comentário da Torá oficial (Etz Hayim: Um Comentário da Torá) afirma que os judeus deveriam fazer uso de uma análise histórica e literária crítica moderna para compreender como a Bíblia se desenvolveu.

Os judeus conservadores reconciliam estas crenças, mantendo que Deus, de alguma forma, revelou Sua vontade a Moisés e aos profetas posteriores. Entretanto, relatos da revelação devem ter passado através dos séculos de muitas maneiras, inclusive documentos escritos, folclore, poemas épicos, etc. Esses relatos foram eventualmente compilados para formar a Torá e, a partir daí, os outros livros do Tanach (Bíblia hebraica).

2.3 A lei judaica

O judaísmo conservador vê a lei judaica como normativa e obrigatória. Entretanto, toma a posição de que a halacha pode e deve evoluir para ir de encontro à mudança da realidade da vida judaica. O judaísmo conservador, portanto, vê que esses códigos legais judaicos devem ser vistos através das lentes da crítica acadêmica. Como observava Solomon Schechter, “por maior valor literário que um código possa ter, isto não lhe dá infalibilidade, nem isenta o estudante ou o rabino que faça uso dele da obrigação de examinar cada parágrafo por seus próprios méritos e o sujeitar às mesmas normas de interpretação que sempre foram aplicadas à tradição”. Os judeus conservadores acreditam que seu ponto de vista quanto à lei judaica como evolutiva e adaptável é de fato consistente com a tradição judaica. (Veja também as várias posições dentro do judaísmo contemporâneo, no que diz respeito à Halcha e ao Talmud).

O judaísmo conservador mantém que ambos requisitos, éticos e rituais, são normativos. Os judeus conservadores portanto estão obrigados a observar leis rituais, incluindo o Shabat; manter-se casher; a prática de reza três vezes ao dia; observar as festas judaicas e os eventos do ciclo de vida.

Diversos estudos têm demonstrado que há uma grande brecha entre o que o movimento conservador ensina e o que a maioria da comunidade tem incorporado às suas vidas diárias. A prática judaica conservadora é freqüentemente indistinguível daquela do judaísmo reformista com respeito à observância das leis do Shabat ou da cashrut. Os judeus conservadores que são moderadamente ligados, entretanto, estão mais de acordo em seguir a doutrina conservadora na observância do ciclo de vida ou feriados (tal como ir à sinagoga nos dois dias de Rosh Hashaná ou manter as leis de Pessach). Há um significativo grupo de judeus conservadores comprometidos, formado por lideranças leigas, rabinos, chazanim, educadores e aqueles formados por escolas religiosas do

movimento e acampamentos, que levam a lei judaica muito seriamente. Estudos recentes têm demonstrado um crescimento na observância dos membros do movimento.

Há um artigo em separado que detalha a resposta conservadora, opiniões legais e normas do judaísmo conservador e Masorti. A resposta conservadora foi redigida pelo Rabbinical Assembly's Committee on Jewish Law and Standards.

2.4 Visões de outras denominações judaicas

O judaísmo conservador contrasta com outras denominações em duas áreas maiores de diferença:

* Com referência ao grau de revelação da Torá: aqui o judaísmo conservador mantém que a crença ortodoxa na revelação verbal da Torá escrita e oral não é necessária ou mandatária para a crença judaica. Entretanto, eles também rejeitam a visão reformista da Torá como sendo somente inspiração humana. Ao contrário, aceitam a crença na divindade da revelação não verbal da Torá escrita como visão judaica correta, histórica e autêntica. Nesta visão, a Torá oral é considerada inspirada pela Torá, mas não necessariamente de origem divina.

* Com relação à interpretação da Halacha (ou lei judaica): Devida a tradição legal do judaísmo, as diferenças fundamentais entre as modernas denominações judaicas também envolvem a interpretação e a aplicação da lei e da tradição judaica. O judaísmo conservador acredita que seu enfoque é a mais autêntica expressão do judaísmo como ele era tradicionalmente praticado. Os judeus conservadores acreditam que os movimentos à sua esquerda, como o judaísmo reformista e o reconstrucionista, têm errado ao rejeitar a autoridade tradicional da lei e da tradição judaicas. Eles acreditam que os movimentos judaicos ortodoxos, à direita teológica, têm errado em refrear ou parar o desenvolvimento histórico da lei judaica: "O judaísmo conservador acredita que o estudo dos textos judaicos indica que o judaísmo tem estado constantemente envolvido no sentido de ir ao encontro das necessidades do povo judeu em circunstâncias variadas, e que a autoridade halachica central pode continuar a evolução da halachica hoje." (Soc.Culture.Jewish Usenet Newsgroup FAQ) O movimento conservador faz um esforço consciente para usar as fontes históricas para determinar que tipo de mudanças têm ocorrido na tradição judaica, como e por que ocorreram, e em que contexto histórico. Com tais informações, eles acreditam que podem compreender melhor a maneira apropriada para os rabinos interpretarem e aplicarem a lei judaica às nossas condições hoje em dia.

Mordechai Waxman, um líder da Rabbinical Assembly, escreve que "a reforma tem afirmado o direito de interpretação, mas rejeita a autoridade da tradição legal. A ortodoxia se apega rapidamente ao princípio da autoridade, mas tem em gerações recentes e na nossa própria rejeitado o direito a quaisquer interpretações menores. A visão conservadora é que ambas são necessária para um judaísmo vivo. Portanto, o judaísmo conservador mantém-se ligado à tradição legal judaica, mas reafirma o direito de seu corpo rabinico agir como um todo para interpretar e aplicar a lei judaica." (Mordechai Waxman Tradition and Change: The Development of Conservative Judaism)

Um dos líderes do movimento conservador escreveu sobre enfoques legais do movimento, comparando a halacha a um jogo de xadrez. Nos séc. XVI e XVII (correlato à publicação de Shulkan Aruch e seus comentários), o movimento ortodoxo colocou um domo de vidro sobre o tabuleiro. Os judeus conservadores simplesmente tiraram o domo e começaram a mover as peças novamente de acordo com as normas. Os judeus reformistas rejeitam as normas do jogo (e talvez esteja jogando damas).

O judaísmo conservador vê os processos pelo qual o judaísmo reformista e o reconstrucionista fazem mudanças nas tradições judaicas como inválidos. Assim, o judaísmo conservador rejeita a descendência por parte de pai e manteria que uma criança filha de mãe não judia que cresceu como judeu reconstrucionista ou reformista não é legalmente judia e deveria passar pela conversão para tornar-se judeu. Da mesma forma, enquanto os serviços reformistas e reconstrucionistas ou outros rituais não são inerentemente inválidos, se eles não estiverem de acordo com os requisitos da halacha (p. ex. um serviço que omita uma reza legalmente necessária), eles não seriam reconhecidos como legalmente significantes. Apesar do desacordo do movimento conservador com os movimentos mais liberais, ele está de acordo com o pluralismo judaico e respeita o direito dos judeus reconstrucionistas e reformistas de praticarem o judaísmo de sua própria maneira. Assim o movimento conservador reconhece seu clero como rabinos, ainda que frequentemente não aceite suas decisões específicas como válidas.

Em contraste, enquanto o judaísmo conservador vê o enfoque ortodoxo sobre a halacha como rígida e muito diferente ao precedente passado, também o vê como legalmente válido. Deste modo um judeu conservador poderia satisfazer suas obrigações halkahicas participando de rituais ortodoxos. O judaísmo ortodoxo, entretanto, vê o enfoque conservador à halacha como inválida. Em particular, eles criticam a posição conservadora de que o precedente halachico não é obrigatório e o uso de posições minoritárias na literatura rabínica como suporte às normas conservadoras. Uma crítica mais profunda é que o processo conservador é dirigido mais por um desejo de alcançar resultados preferidos pelos seculares do que pelas considerações halákicas tradicionais. Como resultado, o judaísmo ortodoxo não reconhece os rituais conservadores e alguns elementos do judaísmo ortodoxo não reconhecem os rabinos conservadores como rabinos autênticos.

3 Organização do movimento

<http://www.asamblearabinica.org/links.htm>

entidades do movimento conservador

No mais estrito sentido do termo, o judaísmo conservador é um movimento unificado; o corpo internacional dos rabinos conservadores é a Rabbinical Assembly (RA), a organização de sinagogas é a United Synagogue of Conservative Judaism (USCJ), e os principais seminários são o Jewish Theological Seminary of America (JTS), na cidade de Nova York, e o Ziegler School of Rabbinic Studies, em Los Angeles. O judaísmo conservador fora dos Estados Unidos é freqüentemente chamado de judaísmo Masorti; os rabinos Masorti pertencem à Rabbinical Assembly.

Outros seminários incluem Seminário Rabínico Latinoamericano Marshall Meyer, na Argentina; e Machon Shechter, em Jerusalém.

A Rabbinical Assembly foi constituída nos Estados Unidos em 1901 e é uma instituição internacional de Rabinos Conservadores. A Assembléia que hoje em dia reúne 1600 rabinos no mundo inteiro, promove ativamente a causa do Judaísmo Conservador e trabalha incessantemente para o benefício de Klal Israel, publica textos, livros de oração e trabalhos de interesse judaico.

<http://www.rabbinicalassembly.org/>

A região latino-americana reúne os rabinos da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, México, Uruguai, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, El Salvador e Aruba

4 Identidade judaica

O judaísmo conservador mantém entendimento rabínico de identidade judaica: um judeu é alguém que nasceu de uma mãe judia, ou quem se converte ao judaísmo de acordo com a lei e tradição judaicas. Assim, o conservadorismo rejeita a descendência paterna, que é aceita pelo movimento reformista. Aos rabinos conservadores não é permitido celebrar casamentos mistos (casamentos entre judeus e não judeus). Entretanto, o Leadership Council of Conservative Judaism tem um enfoque sociológico diferente sobre esta questão daquele da ortodoxia, apesar de concordar religiosamente. Em um press release consta:

"No passado, o casamento misto era visto como... um ato de rebelião, uma rejeição ao judaísmo. Os judeus que faziam casamentos mistos eram essencialmente excomungados. Mas agora o casamento misto é freqüentemente resultado de vivência em uma sociedade aberta... Se nossos filhos acabam se casando com não-judeus, não devemos rejeitá-los. Devemos continuar a dar-lhes nosso amor e, assim, manter alguma influência em suas vidas, judaicamente e não. A vida é feita de crescimento constante e nossos filhos adultos podem ainda não ter chegado a um estágio quando o judaísmo tem um novo significado para eles. Entretanto o casamento entre um judeu e um não-judeu não é uma celebração para a comunidade judaica. Portanto nos aproximamos do casal com a esperança de que o parceiro não-judeu se aproximará do judaísmo e, finalmente, optará por converter-se. Uma vez que sabemos que mais de 70% dos filhos de casamentos mistos não estão crescendo como judeus... queremos encorajar o parceiro judeu a manter sua identidade judaica e educar seus filhos como judeus."

O judaísmo conservador começou a fazer notar sua presença em Israel antes dos anos 60. Hoje há mais de 40 congregações, com mais de 12.000 filiados. Em 1962 o Jewish Theological Seminary of America (JTS) começou a criar o Neve Schechter, o campus de Jerusalém da universidade. Este centro abriga o Schocken Center for Jewish Research e o Saul Lieberman Institute for Talmudic Research. Em 1975 um novo currículo escolar instituiu um ano de estudos em Israel como requerimento para todo estudante rabínico no JTS e no seminário rabínico da University of Judaism.

Em 1979 o chanceler da JTS, Gerson Cohen, anunciou a criação do movimento Masorti ("Tradicional") como o próprio movimento conservador autóctone de Israel, com seu próprio diretor executivo, conselho e comitê executivo.

O movimento Masorti criou o MERCAZ, um partido sionista dentro da estrutura da Organização Sionista Mundial. O movimento conservador é assim oficialmente representado nos centros de tomada de decisão dentro do movimento sionista. O movimento Masorti patrocina grupos juvenis, um acampamento, um sistema de campos, o Kibutz Hanaton e seu Centro de Educação e Moshav Shorashim, e programas especiais para ensinar a olim (imigrantes) russos e etíopes judaísmo básico. Está envolvido com muitas questões promovendo direitos legítimos de judeus tradicionais, não-ortodoxos.

MERCAZ é a organização sionista do movimento conservador e representa judeus conservadores/masorti do mundo todo. Suas metas incluem fazer pressão pelo pluralismo religioso, trabalhar por uma distribuição equitativa de fundos da Organização Sionista Mundial e da Agência Judaica para programas sionistas conservadores em Israel e na América, promovendo direitos humanos em Israel para todos, encorajando reforma eleitoral em Israel e contrapondo-se a qualquer mudança no "Quem é um Judeu?" e na "Lei do Retorno".

MERCAZ é membro da Organização Sionista Mundial e da Agência Judaica para Israel, ambos designados pelo Knesset como canais de comunicação e influência entre os judeus da Diáspora e o governo de Israel. Através dessas instituições, o MERCAZ trabalha com assuntos como aliá e absorção, educação, liderança jovem e assuntos da comunidade.

MOVIMENTO CONSERVADOR LATINO-AMERICANO

A história do Movimento Conservador Latino-Americano está embrionariamente ligada ao Rabino Marshal Meyer que, em 1959, junto com sua esposa Naomi, chegou à Argentina para um período de tempo que depois se transformou em 25 anos, e sua vinda gerou uma mudança radical no mapa dos judeus da América Latina.

Marshall e Naomi Meyer foram para a Argentina como um jovem casal no começo dos anos 60, com a intenção de ficar 2 anos. Ele tinha 30 anos, e acabara de ser ordenado e tinha a opção de trabalhar como rabino assistente em uma congregação americana ou com uma remota comunidade no exterior. Sua mãe acabara de morrer. Meyer consultou-se com o Rabino Abraham Joshua Heschel, seu mentor, e chamou sua mulher. "O que você acha da Argentina?" perguntou. "Austrália? Eles falam inglês lá, certo?" ela respondeu.

Naquele tempo a comunidade judaica da Argentina era formada por cerca de 400.000 pessoas, o que a fazia, na teoria, a terceira maior comunidade no mundo. Mas isto dificilmente qualifica como uma comunidade por si só. Os que eram afiliados a sinagogas pertenciam a pequenas congregações ortodoxas que se reuniam nas Grandes Festas. Outros se identificavam como judeus tornando-se sionistas e emigrando para Israel. Os judeus sefaraditas e os asquenazitas não se misturavam, os movimentos conservadores e reformistas eram desconhecidos e a comunidade toda, da forma como era, estava em vias de desaparecer pela assimilação.

Marshal Meyer usou sua prodigiosa energia para estabilizar, em poucos anos, a comunidade Bet El, a congregação mais importante em Buenos Aires; um sistema de prédios educacionais, acampamentos para crianças e um jornal judaico, o primeiro a imprimir textos judaicos em espanhol desde a expulsão dos judeus da Espanha. Ele criou, de fato, o que é hoje, ainda, uma comunidade.

O rabino Meyer chegou para trabalhar como rabino assistente na Congregação Israelita da República Argentina e, aos poucos, seu espírito pioneiro conflitou-se com a estrutura mais tradicional da sinagoga, o que gerou confronto e resultou na saída do rabino Meyer daquela sinagoga, o que possibilitou a criação de duas entidades. Em uma perua com poucos livros e 3 alunos foi iniciado o Seminário Rabínico Latino-americano e, ao mesmo tempo, a Comunidade Beit El, que depois se transformaria em modelo imitado em toda América Latina.

Desde o surgimento do Seminário Latino-Americano, seu mentor e empreendedor enxergou a falta de rabinos que pudessem entender o que acontecia na comunidade latino-americana e ele próprio, como gringo, se auto-criticava a falta de sensibilidade com a idiosincrasia latino-americana.

Talvez o espírito profético tenha feito com que o nome latino-americano fizesse parte da entidade que criou um outro tipo de rabino que, por um lado teria excelência de estudos acadêmicos e científicos e pudesse dialogar com os textos judaicos, tornando-os assim sensíveis para muitos para os quais o judaísmo não era significativo ou relevante.

Naquela época, a América Latina tinha um grupo ortodoxo pouco erudito e rabinos imigrantes da escola centro-européia, que mal conseguiam falar a língua local. Por isso a revolução que o Seminário Rabínico significou impactou profundamente a própria estrutura de todas as comunidades.

O Seminário se transformou, assim, no centro da vida acadêmica do movimento conservador da América Latina, não apenas com os rabinos, mas na formação de professores, voluntários, na publicação de livros, sidurim, machzorim, hagadot, que permitiam que o novo modelo pudesse vir a emergir.

Desde sua fundação, o Seminário procurou desenvolver, através de seus graduados e rabinos, as comunidades locais e os egressos do Seminário se tornaram parceiros de suas comunidades, para ajudá-las a aprimorar a qualidade da vida judaica.

Como discípulo de A. J. Herschel, o rabino Meyer não apenas criou o movimento organizacional na América Latina, incluindo o trabalho com a juventude, a Maché Ramah, uma das mais belas experiências já realizadas, e ele próprio personificou o espírito profético quando, durante a ditadura militar, em sua sinagoga as mães da Praça e Maio encontravam apoio e consolo e quando foi uma das poucas vozes que se levantaram contra o regime militar para defender os desaparecidos, muitos judeus e outros não, como no famoso caso do jornalista Jacobo Timerman, entre outros, transformando-se assim num lutador incansável pelos direitos humanos, sendo reconhecido quando, na voltada da democracia em 83, o presidente eleito Raul Alfonsim lhe outorgou a mais alta condecoração possível para um estrangeiro.

As comunidades centro-européias reunidas na CENTRA começaram a colaborar e contribuir com o Seminário e, assim, várias entidades ajudaram o Seminário a se tornar no que hoje é e foram se consolidando em novas entidades, uma delas a Assembléia Rabínica Latino-Americana, que centraliza todos os graduados do Seminário, hoje quase 90, e que forma o capítulo latino-americano da Rabínical Assembly, entidade constituída em 1901, que congrega 1.650 rabinos do movimento internacional de rabinos conservadores; uma outra entidade, a FEDEC, que reúne as comunidades conservadoras da Argentina e a Masorti, que é a entidade internacional que reúne todas as comunidades conservadoras do movimento e, recentemente, a Mosarti AmLat, da América Latina.

Em 1984, o rabino Meyer decidiu voltar para os Estados Unidos e, de alguma maneira, conseguiu exportar a revolução que ele fez na América Latina para lá, quando assumiu uma sinagoga antiga, quase sem minian, a Ben Jerusalem e conseguiu reerguê-la, criando um dos fenômenos mais imitados de sucesso sinagoga, e a sinagoga que em 85 não tinha minian, passou a ter mais de 2.000 famílias quando o rabino Meyer morreu prematuramente aos 64 anos.

Hoje a sinagoga continua crescendo e o espírito de Meyer continua inspirando novas idéias, como o grupo de Ravurot em Israel, que estão sendo desenvolvido pela BJ.

A recente convenção histórica para o judaísmo conservador latino-americano, que aconteceu no México em Março de 2006, marca a internacionalização da Rabbinical Assembly, é também consequência de Marshall e de sua obra que, 12 anos após sua morte, continua florescendo, continua crescendo e a revolução que mudou a realidade judaica do continente latino-americano foi reexportada para os Estados Unidos,

transformando-se, como se o Bet El fosse “o modelo” de espiritualidade a ser imitado e, assim como há 25 anos, todos queriam uma sinagoga como o Bet El em qualquer latitude latino-americana. Hoje se ouve o mesmo com referência ao BJ e o mais incrível é que este movimento e a força de seu legado continuam inspirando e está chegando agora também a Israel.

A clareza conceitual de Marshall, sua capacidade diagnóstica aguda sobre a falta de recursos humanos judeus para acompanhar e expandir sua revolução, sua energia contagiante que faziam com que sua visão e missão fossem rapidamente compartilhadas por muitos dos que descobrimos que era possível outra abordagem para o judaísmo e encontramos em Marshall nossa *Alma Mater*, nosso rebe do século XX, e encontramos também, no Seminário Rabínico Latino-americano, um espaço de estudo, onde é perfeitamente possível estudar Torá e halachá e, ao mesmo tempo, ler o jornal do dia para traduzir o significado da Torá em ações concretas.

Tive o privilégio de estar em diferentes lugares acompanhando meu Mestre, mas talvez a marca mais impactante foi haver estado no Obelisco, uma semana antes das eleições que marcariam o retorno da democracia para a Argentina depois do terror do regime militar, e ouvir no centro simbólico da Argentina as palavras de meu rabino citando do profeta Isaías. E perceber ali que minhas lágrimas de orgulho e emoção eram compartilhadas por milhares de outros argentinos, católicos, protestantes, ateus, que vibravam com a pregação de um rabino que nos ensinava com seu dogma ishit, com seu exemplo pessoal, que o espírito profético de Israel estava vivo em sua mensagem e, assim, continuava a tradição de seu rebe, Dr. Abraham J. Heschel, mostrando como na América Latina também se podia rezar com os pés.

Nem tudo foram rosas; a resistência às mudanças foi dramática, os embates contra um homem que teve a ousadia de enfrentar o *establishment* e seus grandes interesses foram enormes, mas a determinação de Marshall, sua capacidade de motivar e sua sensibilidade para abraçar conseguiram sobrepor-se a todos os obstáculos.

Quando Marshall deixou a Argentina em 1984, muito acreditaram que tudo terminaria, porque a sucessão de um líder carismático é complexa e difícil e hoje, retrospectivamente, estamos com mais de 80 graduados trabalhando na América Central, aumentando sua expressão no Brasil e a varinha mágica de Marshall continua funcionando. Certa vez perguntei a Marshall quando se daria por satisfeito e sua resposta foi: quando cada rabino consiga formar outro rabino. Creio que Marshall estaria satisfeito, porque no Brasil, um dos países menos explorados, conseguimos que uma talentosa jovem e mulher, em um país bastante machista, decidisse escolher o rabinato e, hoje, tenho o privilégio de compartilhar o púlpito, em minha comunidade Shalom em São Paulo, com a rábina Luciana Pajacki Lederman, graduada mestra pelo JTS. Ela é a primeira brasileira a trabalhar no Brasil, e espero que assim como ela escolheu o rabinato por minha causa, ela possa devolver motivando outro jovem a ser rabino.

De volta aos Estados Unidos, depois de um período em UJ, Marshall nos mostrou novamente como é possível re-exportar e reinventar a revolução espiritual para o Upper West Side e para o meio de Manhattan. Junto com Roly re-fundaram BJ, que é hoje referência de espiritualidade e uma das histórias de êxito sinagoga mais surpreendentes. E, o que é mais incrível, é que o modelo que Marshall implementou em BJ é parecido àquele que utilizou na Argentina, mas completamente diferente.

E hoje, através do Fellows, continua ensinando rabinos norte-americanos que têm agora que aprender um pouco de espanhol para perceber um pouco da mística criadora de Marshall.

Minha família foi parte de um grupo de ativista do Bet El e do Seminário, tendo feito Aliá por causa de sua entrega comunitária, e meu irmão, que é um ator guionista, diretor criativo, vive há 23 anos em Israel e hoje é um dos líderes de Beit Terfila Israeli, uma das sete comunidades em Israel que, motivadas por BJ, planejam continuar a revolução espiritual que começou com os graduados do seminário e se aprofunda com estas comunidades que pretendem trazer o israeli secular para dentro de uma tradição pluralista e, assim, cantores israelis conhecidos, como Shlomo Gronich, começam a criar liturgia para Shabat, criando uma nova ponte que permite a cada vez mais israelis conhecerem outra visão significativa e relevante do mundo judaico.

Assim 500 pessoas se reuniram em dezembro em Tel Aviv, no Teatro Cameri, parte deles sócios do BJ celebrando seus 180 anos, e outra parte de israelis destas sete comunidades, para rezar, para cantar.

E gostaria de encerrar com um pensamento do jornalista Mario Wainstein, que publicou no jornal Aurora, com o título de **O espírito de Marshall vive em todo o mundo**:

Marshall não chegou até Israel mas, de alguma maneira, estão fazendo com que chegue e, assim como os filhos de Israel levaram os ossos de Iosef, Marshal e sua revolução estão chegando à terra prometida.

O espírito de Marshall vive em todo o mundo.

D- Comunidade Shalom

Agregando mais de 320 famílias, a Comunidade Shalom mantém a única sinagoga conservadora e igualitária Masorti da cidade. Apresenta um crescimento sustentado, sendo a comunidade que mais cresceu nos últimos anos, tanto em número de associados quanto em diversidade de atividades e programas.

A Shalom se destaca na comunidade judaica brasileira; é uma das instituições que mais oferece oportunidades para crescimento espiritual através de vivência e estudos judaicos.

A Shalom é uma comunidade religiosa que oferece apoio e encorajamento às pessoas que buscam um espaço para crescer espiritualmente e progredir judaicamente. É uma sinagoga dinâmica e viva, buscando permanentemente significar e re-significar os valores judaicos. A Shalom abre suas portas, sem preconceitos, para todos os judeus e judias que dela se aproximam.

Lei Judaica

O compromisso da Shalom com a Lei Judaica, a Halachá, é responsável e flexível, incentivando o cumprimento das mitzvot, sem coerção religiosa ou dogmatismos.

O marco normativo é o Comitê de lei da Rabbinnical Assembly

A Sinagoga

O coração da Comunidade é a sua sinagoga: os serviços religiosos são o seu centro nevrálgico. Nos Shabatot e nos feriados judaicos, lamim Noraim, conta com a participação de mais de 1.200 pessoas e nos dias normais, com miniamin diários.

Os serviços são participativos, dinâmicos e a busca espiritual motivou a criação de Sidurim próprios, que refletem a percepção das rezas que foram conservadas da tradição e, ao mesmo tempo, incluem novos pensamentos, poemas e explicações, reforçando o compromisso de re-conexão com os textos do povo judaico.

Beit Midrash

A Comunidade Shalom se tornou um centro de estudos permanente, com várias oportunidades de ensino judaico; tem recebido vários mestres visitantes, tais como Dr. Richard Freund, Rabbi Alfred Borodowski, a Rabina Shoni Labowitz e, brevemente, terá o privilégio de dar as boas vindas ao Rabino Neil Gilmann.

Programas de Ensino-Aprendizagem

Diversas atividades confirmam o compromisso e o envolvimento da congregação com o judaísmo para além da comunidade local:

- Departamento de ensino infanto-juvenil
- Preparação para Bar e Bat Mitzvá
- Programas de educação judaica familiar: Family Camp, programas para pais de crianças na fase de bar e bat-mitzvá.
- Curso de bar e bat-mitzvá de adultos – brit e bat Torá

- Shabat Ieladim - serviço religioso regular de Cabalat Shabat para as crianças, teve início no ano 2000.
- Departamento de Juventude.
- Machanot educacionais semestrais.
- Cursos para adultos: iniciação ao judaísmo, mística judaica, hebraico, significado das rezas, Taamei Hamicrá, filosofia judaica.
- Oficinas vivenciais, para incentivar o contato com a Comunidade, como: oficinas de talit, de mezuzá, de tefilin.
- Ensino à distância: após vários anos ensinando o judaísmo em sua sede, a Comunidade Shalom inovou ao introduzir o projeto de e-learning – Shalomweb - pioneiro na América Latina. Trata-se do primeiro Centro Brasileiro de Aprendizado Judaico para Adultos através da Internet.

Outras Atividades

- Canto comunitário – o coral participa regularmente dos Iamin Noraim.
- Oficina de nigunim
- Corrida da Paz: a V edição, em 2005 reuniu 2000 inscritos.

Tikun Olam - Atividades Assistenciais

Para Martin Buber, uma sinagoga não é apenas uma atitude mental; precisamos traduzir o significado da Torá, da nossa fé e das nossas preces em ações. Na Comunidade Shalom, cada membro é incentivado a dedicar uma parte do seu tempo, de acordo com as suas capacidades, para a manutenção de uma comunidade ativa e para a realização do Tikun Olam, o reparo do mundo.

A Comunidade Shalom assiste a distintos segmentos da sociedade, não apenas seus membros, com programas pontuais e criativos:

- **Oficina Abrigada de Trabalho** – a missão da OAT é capacitar portadores de necessidades especiais, jovens e adultos, de todas as classes socioeconômicas, raças e religiões, para sua inserção na sociedade e no mercado profissional. Em 2000 a OAT recebeu o prêmio *Kanitz Bem Eficiente* como reconhecimento ao projeto de oferecer à pessoa portadora de necessidades especiais condições para o seu desenvolvimento como cidadão trabalhador.

Coordenação: Janete

Site: www.oat.org.br

- **Audioteca Kaette Heymann** – o projeto da audioteca se destina aos portadores de deficiência visual, pessoas de terceira idade ou com alguma dificuldade que as impossibilite de ler. A audioteca disponibiliza centenas de obras gravadas de literatura brasileira e estrangeira, abrangendo todos os gêneros. Mais de mil usuários recebem as obras emprestadas pelo correio, gratuitamente. Todo o trabalho é realizado por voluntários.

Coordenação: Márcia Gil Knobel

Site: www.shalom.org.br/audioteca

- **Núcleo de Healing e Bikur Cholim** – combina recursos de Healing com uma abordagem contemporânea do Judaísmo. As atividades desenvolvidas proporcionam apoio e calor humano, oportunidades para o autoconhecimento e para exercício do Tikun Olam (ações que visam “consertar” o mundo, em parceria com Deus) na criação contínua de uma Kehilat Chessed, uma comunidade inclusiva e acolhedora. Tem como missão promover o Healing pessoal e comunitário, contribuindo para a re-conexão de todos e de cada um com seus recursos espirituais e com a sua comunidade.

Coordenação: Esther Dzialowski Amarante

Site: www.shalom.org.br/healing

Publicações

- **Revista Hineni**

- **Folhetos temáticos de Healing**

já publicamos:

* *Sidur Chadash, Sidur para receber o Shabat;*

* *Sidur Chadash, Sidur para manhã do Shabat e Iom Tov;*

* *Sidur Chadash, Sidur do Entardecer do Shabat;*

* *Sidur Chadash para o dia-a-dia,*

* *Bircon LeShabat: rezas de Shabat no Lar;*

* *Sidur pra Crianças: Shabat Ieladim*

* *Machzor Chadash Iameinu Rosh Hashaná;*

* *Machzor Chadash Iameinu Iom Kipur;*

* *O último dos Profetas – Heschel, A. J: Uma introdução ao pensamento de Abraham Joshua Heschel;*

* *Bikur Cholim : A Força Espiritual Cura – Como visitar alguém doente;*

e os cd's

* *A Música da Shalom,*

* *Nigunim: Músicas da Alma Judaica e*

* *Refua Shlemá: A música do healing judaico.*

Comunidade Shalom

Shalom Liga Israelita do Brasil

Presidente: Mário Grunenbaum

Rabinos: Adrián Gottfried e Luciana Pajewski Lederman

Endereço: Rua Cel. Joaquim Ferreira Lobo, 195 – Vila Olímpia.

CEP 04544 – 150 São Paulo - SP – Brasil.

Telefones: 55 11 3849 1477

E-mail: shalom@shalom.org.br

Site: www.shalom.org.br